SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint foi publicado em outro meio.
DOI do preprint publicado: https://doi.org/10.25189/2675-4916.2026.v7.n8.id916

Abordagens geolinguísticas para descrição de variedades do português brasileiro: aspectos contatuais, migracionais e histórico-sociais

Amanda Chofard, Greize Alves da Silva, Romário Duarte Sanches

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

Submetido em: 2025-11-03
Postado em: 2025-11-10 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

Abordagens geolinguísticas para descrição de variedades do português brasileiro: aspectos contatuais, migracionais e histórico-sociais

Geolinguistic Approaches to the Description of Brazilian Portuguese Varieties: Contactual, Migrational, and Historical-Social Aspects

Amanda Chofard (UFBA) - https://orcid.org/0000-0002-5327-9450
Greize Alves da Silva (UFT) - https://orcid.org/0000-0002-2589-6750
Romário Duarte Sanches (UNIFAP) - https://orcid.org/0000-0002-0571-303X

Resumo: Este trabalho propõe uma revisão teórico-metodológica da Geolinguística brasileira, apresentando três frentes de abordagens emergentes: a contatual, a migracional e a histórico-social. Fundamentado na Dialetologia Pluridimensional e Relacional (Radtke; Thun, 1996), o estudo parte do pressuposto de que as dimensões sociais e históricas são indissociáveis da variação linguística, sendo necessário compreender a língua em seus contextos de mobilidade, contato e formação sociocultural. A abordagem contatual é analisada como o eixo que redefine a Geolinguística tradicional ao incorporar o estudo das línguas em contato e da influência mútua entre variedades linguísticas. No Sul do Brasil, destacam-se projetos como o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS)* e o *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA-H)*, voltados à descrição do português em contato com línguas de imigração. No Norte, estudos como o de Sanches (2020) e o de Guedes (2017) e Rodrigues, 2017) evidenciam a interinfluência entre o português e línguas autóctones, além de processos de substituição e hibridização linguística. A abordagem migracional amplia a perspectiva de análise ao incluir a dimensão diatópico-cinética, que compara o comportamento linguístico de grupos estáveis e móveis (topostáticos e topodinâmicos). Estudos desenvolvidos por Figueiredo (2014), Cuba (2015), Silva (2018) e Meurer (2022) demonstram como a mobilidade populacional e os contínuos urbano-rurais influenciam fenômenos fonético-fonológicos e lexicais. O processo de covariação, entendido como a coexistência de variantes regionais e suprarregionais, é interpretado como reflexo das dinâmicas migracionais e da complexa tessitura sociolinguística brasileira. Por fim, a abordagem histórico-social está centrada nas rotas histórico-linguísticas. Nessa vertente, o *Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros* (Chofard, 2023) exemplifica como percursos e eventos históricos podem delimitar áreas dialetais e explicar contatos intervarietais entre as variedades paulista e sul-rio-grandense. Conclui-se que essas três abordagens não competem, mas se complementam, consolidando a Geolinguística brasileira como uma ciência pluridimensional e aberta a novas perspectivas de análise.

Palavras-chave: Geolinguística. Contato. Migração. Histórico-social.

Abstract: This paper proposes a theoretical and methodological review of Brazilian Geolinguistics, presenting three emerging lines of approach: contactual, migrational, and

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

historical-social. Grounded in Pluridimensional and Relational Dialectology (Radtke & Thun, 1996), the study assumes that social and historical dimensions are inseparable from linguistic variation, requiring the understanding of language within its contexts of mobility, contact, and sociocultural formation. The contactual approach is analyzed as the axis that redefines traditional Geolinguistics by incorporating the study of languages in contact and the mutual influence among linguistic varieties. In southern Brazil, projects such as the Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS) and the Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA-H) stand out, both aimed at describing Portuguese in contact with immigration languages. In the North, studies by Sanches (2020), Guedes (2017), and Rodrigues (2017) highlight the interinfluence between Portuguese and indigenous languages, as well as processes of linguistic replacement and hybridization. The migrational approach broadens the analytical perspective by including the diatopic-kinetic dimension, which compares the linguistic behavior of stable and mobile groups (topostatic and topodynamic). Research conducted by Figueiredo (2014), Cuba (2015), Silva (2018), and Meurer (2022) demonstrates how population mobility and urban-rural continuums influence phonetic-phonological and lexical phenomena. The process of covariation, understood as the coexistence of regional and supraregional variants, is interpreted as a reflection of migrational dynamics and the complex sociolinguistic fabric of Brazil. Finally, the historical-social approach focuses on historical-linguistic routes. In this line, the Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros (Chofard, 2023) exemplifies how historical paths and events can define dialectal areas and explain intervarietal contacts between the São Paulo and Rio Grande do Sul varieties. It is concluded that these three approaches do not compete but rather complement each other, consolidating Brazilian Geolinguistics as a pluridimensional science open to new analytical perspectives.

Keywords: Geolinguistics. Contact. Migration. Historical-social.

Introdução

A perspectiva da Geolinguística brasileira tem se voltado para projeções mais focalizadas e pormenorizadas, em movimento inversamente proporcional ao adotado anos atrás, quando se buscava recobrir, por meio de atlas linguísticos estaduais, as unidades federativas brasileiras. Se, em um primeiro momento, predominou o modelo da Dialetologia com foco para descrição de extensas áreas[1], hoje o cenário é outro, dispõe-se de um vasto conjunto de atlas linguísticos estaduais, um regional, além do nacional *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), que já fornecem um panorama geral sobre as variedades do português brasileiro.

Na Europa, esse movimento, que passou da macro à microescala geolinguística, ocorreu de forma mais precoce, ocasionado pelo esgotamento do modelo clássico de atlas, pela quantidade de dados oriundos das grandes coletas e pela necessidade de adoção de novas frentes metodológicas. Entre essas frentes, pode-se citar a Dialetometria (Goebl, 1983), modelo matemático e computacional aplicado à Geolinguística para, dentre outros objetivos, comparar grandes volumes de dados dialetológicos, sem necessariamente depender da cartografia. Outra

[1] Estados federativos, por exemplo, além de um atlas englobando uma região administrativa completa, o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

inovação no campo geolinguístico foi a Dialetologia Pluridimensional e Relacional (DPR), formulada por Harald Thun e Edgar Radtke (1996; 1998; 2005) e amplamente trabalhada na América Latina[2], sobretudo no Brasil, com suas bases teórico-metodológicas adaptadas a complexidade geográfica, cultural, social e interacional dos falantes que se apresentam no mundo moderno.

No Brasil, por sua vez, embora haja espaço para a descrição de áreas ainda não documentadas, nota-se a emergência de abordagens que buscam integrar e reinterpretar os dados acumulados, projetando-os em outras direções possíveis, pois não é mais suficiente apenas traçar os limites de uma área e registrar os usos linguísticos presentes nela; torna-se necessário compreender os fenômenos e sua inserção em quadros mais focalizados, atravessados por fatores sócio-históricos, de mobilidade populacional e de contato linguístico.

Diante deste cenário, este artigo busca apresentar três frentes de trabalho inseridas no campo da Geolinguística brasileira que têm se voltado para a documentação de variedades do português em diferentes contextos de uso, superando o âmbito descritivo tradicional (restrito à presença ou ausência de fenômenos dialetológicos) e adotando uma leitura mais pluridimensional, cujos dados são examinados em cruzamento com fatores históricos, sociais e de contato linguístico. Tais frentes podem ser classificadas como: abordagem contatual, abordagem migracional e abordagem histórico-social.

1. Abordagem contatual

O conjunto de pesquisas geolinguísticas realizadas no Brasil nos últimos 30 anos tem evidenciado que fatores extralinguísticos são indispensáveis à compreensão do fenômeno da variação e mudança linguística do português brasileiro. Esse cenário foi aos poucos expandindo o escopo metodológico da geolinguística tradicional, contemplando novas dimensões de análise para além do eixo espacial, isto é, passou a incorporar o modelo de Dialetologia Pluridimensional e Relacional (DPR), que tem como proposta investigar a variação e mudança linguística considerando outras dimensões sociais, como diageracional, diastrática, dialingual, diamésica, diarreligiosa etc. A inclusão desses fatores extralinguísticos tem possibilitado a construção de um retrato mais fiel da realidade linguística das comunidades.

Nesta seção interessa a abordagem contatual, que tem se consolidado no Brasil principalmente a partir de projetos de atlas linguísticos, dissertações de mestrado e teses de

[2]A DPR é amplamente aplicada na América Latina devido à frequência de deslocamentos, migrações e às diferenças inter e intraindividuais, sendo seu aporte teórico-metodológico particularmente adequado a essa realidade (Silva, 2025, p. 71).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

doutorado, em que o contato de/entre línguas ocupa posição central, neste caso citam-se às variedades do português brasileiro de/em contato com línguas de imigração europeia, indígenas ou de fronteira (Sanches, 2020; Sanches, 2022).

Os estudos voltados ao contato linguístico têm se consolidado em duas direções principais: com as línguas alóctones de comunidades de imigrantes, evidenciados por trabalhos desenvolvidos nas universidades mais ao sul do Brasil (+sul), e com as línguas autóctones de comunidades indígenas, com trabalhos desenvolvidos nas universidades mais ao norte (+norte) do Brasil (ver. Quadro 1 em apêndice).

Em direção mais ao sul do Brasil, registra-se as iniciativas de cooperação internacional que influenciaram fortemente o modelo de Dialetologia brasileira, resultando em três projetos de atlas, a chamada "trilogia rio-platense" (Altenhofen; Thun, 2016): o *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU-Norte), o *Atlas Linguístico Guaraní-Românico* (ALGR) e o *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata* (ALMA-H). Destaca-se este último, ainda em fase de elaboração, que influenciou a presença da dimensão dialingual nos trabalhos de mestrado e doutorado nos programa de pós-graduação no Sul do Brasil, além de integrar outros fatores sociais e etnográficos à cartografia linguística.

Como um dos primeiros atlas regionais de abordagem contatual no Brasil, aponta-se para o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* - ALERS, concebido por Walter Koch na década de 1980, que, mesmo sem se autodenominar contatual, adotou uma perspectiva dialingual, ao diferenciar o português falado por comunidades monolíngues e bilíngues, especialmente em áreas de imigração alemã, italiana e polonesa. Essa diferenciação antecipava, de certo modo, o interesse atual por fenômenos classificados como "português de contato" (Altenhofen; Margotti, 2011).

Entre os trabalhos de pós-graduação mais antigos, encontram-se as pesquisas de Ponso (2003) e Margotti (2004), que estudaram o português em contato com o italiano no Rio Grande do Sul, revelando tanto os processos de substituição linguística em curso como a permanência de marcas identitárias preservadas em traços fonéticos e lexicais.

Ainda na mesma direção, destaca-se a tese de Gewehr-Borella (2014) que investigou a variação fonética do português de falantes bilíngues hunsriqueanos, examinando os processos de sonorização e dessonorização de oclusivas. Esse estudo demonstrou que fenômenos fonéticos específicos eram condicionados tanto pela influência do hunsrückisch quanto por fatores sociais como idade e escolaridade.

O trabalho mais recente é o de von Mühlen (2025) que pesquisou o vestfaliano em contato com o português e variedades do alemão presentes no Vale do Taquari/RS. A autora

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

identificou que os falantes da região cultivam uma espécie de bidialetalismo ou diglossia, usando o vestfaliano para o dia a dia e o alemão, de modo geral, para situações de mediação ou de interação com outros grupos.

No que diz respeito aos trabalhos de abordagem contatual concentrados na direção mais ao norte do Brasil, mencionam-se as pesquisas de contato com grupos de falantes autóctones, sobretudo do português falado em comunidades indígenas na região Amazônica. Diferentemente do foco estabelecido mais ao sul do país, em áreas de imigração europeia, as pesquisas mais ao norte passaram a valorizar comunidades bilíngues historicamente negligenciadas. Destacam-se aqui os trabalhos de Guedes (2017), Rodrigues (2017), Oliveira (2018), Alves (2018) e Félix (2019) que documentaram o português de contato em comunidades indígenas da família tupi-guarani em estados como Pará, Maranhão e Amazonas. Nessas investigações, constatou-se que o português mantém características lexicais e fonéticas influenciadas pelas línguas indígenas, sobretudo entre falantes mais velhos, enquanto os mais jovens tendem a apresentar maior aproximação ao português padrão, indicando processos de substituição linguística.

Seguindo essa mesma tendência, no âmbito da Amazônia amapaense, tem-se a pesquisa de Rodrigues (2017) sobre o português em contato com a língua Wajãpi em que autora mostrou a persistência de empréstimos do português na fala indígena, ao mesmo tempo em que revelou a redução gradativa do uso da língua Wajãpi entre os mais jovens. Ainda no Amapá, ressalta-se a tese de Sanches (2020), como um atlas contatual realizado na área indígena dos Karipuna. O estudo concentrou-se na variação lexical do português em contato com o kheuól, língua crioula de base francesa falada pelo povo Karipuna do Amapá. Os resultados evidenciaram a interinfluência de ambas as variedades, com destaque para a sobreposição de variantes lexicais do português local sob o léxico do kheuól.

A mudança metodológica nesses trabalhos concentrados mais ao sul e ao norte do Brasil apresenta uma série de elementos que diferenciam a Geolinguística contatual da orientação mais tradicional. O primeiro aspecto refere-se ao controle multivariado das dimensões internas e externas que podem condicionar uma variedade linguística, ou seja, esses trabalhos aplicam um conjunto de técnicas considerando dimensões sociais (idade, sexo, escolaridade, religião, migração, bilinguismo etc.) de modo integrado ao sistema linguístico (variação fonética, prosódica, morfossintática, lexical, pragmática, discursiva etc.). O segundo aspecto é a cartografia linguística com foco na caracterização de realidades multilíngues, em que os mapas passam a indicar correlações diatópicas com variáveis sociais, culturais e de contato, permitindo documentar fenômenos linguísticos, em contraste com os processos de manutenção, mudança

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

e hibridização. Essa pluridimensionalidade expressa nos mapas linguísticos ratifica o que se chama de cartografia pluridimensional (Thun, 2010).

A abordagem contatual revela, portanto, uma mudança paradigmática na Geolinguística brasileira. Se antes a disciplina se limitava ao mapeamento diatópico da língua, hoje ela se consolida como um campo capaz de integrar descrição de variedades linguísticas em diferentes contextos (de contato, de fronteira e de (i)migração), com análise interpretativa de mudanças socioculturais/sócio-históricas, além de pontuar ausência de políticas linguísticas/educacionais no que se refere às ações de preservação das variedades linguísticas minorizadas no Brasil.

A Geolinguística brasileira tem se mostrado como área de pesquisa que vai além da mera descrição de variantes e variedades linguísticas, uma vez que ela tem se proposto a revelar o poder simbólico que uma língua tem sob a outra em um mesmo espaço geográfico, e como isso ajuda a identificar as línguas em risco de desaparecimento.

Desse modo, a abordagem contatual nos estudos geolinguísticos começa a aproximar a disciplina dos debates interdisciplinares acerca da diversidade cultural, dos direitos humanos e das desigualdades sociais, que se estabelecem a partir dos usos linguísticos, impulsionando a comunidade científica a desenvolver novas perspectivas e soluções voltadas à valorização das línguas indígenas, de imigração e de contextos fronteiriços.

2. Abordagem migracional

Na elaboração de uma obra geolinguística, é fundamental reconhecer que o país possui uma base sócio-histórica marcada por intensas situações de contato linguístico, decorrentes de uma mobilidade demográfica incontestável (Brasil, 1997; Brito, 2000). Em alinhamento com a perspectiva contatual, o tratamento migracional, aqui entendido em sentido amplo, como deslocamento populacional e intercâmbio sociocultural, exige considerar as transformações sociais, políticas, ecológicas e econômicas (Castells, 1999).

Assim, a migração, em suas múltiplas dimensões, atravessa o indivíduo e a língua, demandando uma leitura dialetal da mobilidade populacional e do comportamento linguístico em contextos topodinâmicos. Cabe, portanto, ao geolinguista considerar, já na fase de planejamento do atlas, as condições históricas e sociais do território estudado, incluindo processos de colonização, composição populacional e dinâmicas locais de natureza econômica, social e cultural.

Para estes contextos, Thun (1998, p. 704) e Altenhofen (2013, p. 38) propõem uma "ciência ampla da variação", que contemple igualmente todas as dimensões da análise

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

linguística, destacando, no caso brasileiro, os contatos linguísticos e o plurilinguismo como variáveis centrais. Esses fenômenos manifestam-se em diferentes graus e modalidades: do contato do português com línguas indígenas, afro-brasileiras, de imigração, cooficiais e de fronteira, até as interações intervarietais do próprio português, presentes em todas as comunidades, seja em nível micro ou macrolinguístico, nas múltiplas territorialidades do espaço-tempo (Altenhofen, 2013).

No estudo do contato intervarietal do português, ilustrativamente, é preciso considerar realidades como a da Amazônia Legal, que ocupa cerca de 60% do território brasileiro e engloba nove estados, majoritariamente na região Norte, coexistindo nele diversas formas de ocupação, atividades econômicas, etnias indígenas e comunidades tradicionais, além de contato linguístico com oito países fronteiriços. Historicamente, a região também recebeu fluxos migratórios internos, motivados por ciclos econômicos (como borracha e mineração) e políticas governamentais de povoamento, agregando migrantes de diferentes épocas e procedências (Jacob, 2015; Silva; Sanches, 2024[3]).

É neste contexto, por exemplo, que a noção de *espaço* deve ser compreendida enquanto conjunto dinâmico de condições sociais e espaciais que modulam fenômenos linguísticos, ou seja, trata-se de um conceito multidimensional, abrangendo o espaço absoluto (território), o relativo (mobilidade e usos sociais) e o relacional (contatos, percepções e julgamentos linguísticos), indo além da dimensão geográfica ao englobar práticas sociais e relações entre falantes plurivarietais (Meurer, 2022, p. 137-138). Nos *espaços absolutos* e *relativos*, também se observam *contínuos*[4], demonstrado como os traços linguísticos se distribuem gradualmente, por exemplo, do rural ao urbano, do centro à periferia, da proximidade ou distância de vias de comunicação (Altenhofen; Thun, 2016).

Com base na Dialetologia Pluridimensional (Radtke; Thun, 1996), a análise contrastiva entre migrantes e não migrantes, denominada dimensão diatópico-cinética, examina como a variação e a mudança se manifestam na interação entre grupos estáveis (topostáticos), com orientação centrípeta voltada para a comunidade, e grupos móveis (topodinâmicos), com

[3] Por exemplo, os principais fluxos migratórios para Tocantins vêm de Goiás, Maranhão e Pará; para o Amazonas, de Pará, Maranhão e Acre; e para Rondônia, de Paraná, São Paulo e Minas Gerais (Brasil, 1997). Essa dinâmica evidencia que cada localidade possui um amálgama sócio-histórico e linguístico próprio, exigindo do pesquisador a adoção de metodologia compatível com a complexidade do contexto, perspectiva histórico-social discutida na seção seguinte.

[4] Quanto à observação dos *contínuos*, Silva e Sanches (2024) destacam, no nível lexical, a existência de um "[...] contínuo lexical" nos "espaços da natureza" (IBGE, 2023), indicando uma tendência rurbana ou de hibridização linguística, em que o falante conhece as duas extremidades do espectro (Silva; Sanches, 2024, p. 47). Em comunidades mais isoladas, o léxico tende a ser mais regional e focalizado, enquanto em localidades urbanas, como capitais estaduais, observa-se um padrão lexical mais difuso e suprarregional.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

orientação centrífuga voltada para fora (Altenhofen; Thun, 2016). Além da manutenção e substituição de formas dialetais, destaca-se a covariação, caracterizada pelo uso alternado de formas de diferentes origens sem substituição total de uma das variantes.

Para ilustrar essas dinâmicas macroestruturais (manutenção, perda ou covariação), analisam-se quatro estudos geolinguísticos que aplicam a dimensão diatópico-cinética: Figueiredo (2014), Cuba (2015), Silva (2018) e Meurer (2022). Figueiredo (2014) e Meurer (2022) analisam a fala de migrantes sulistas em situação de contato no Mato Grosso e no Maranhão, respectivamente, enquanto Cuba (2015) e Silva (2018) empreendem atlas linguísticos: a primeira delineando um atlas de "Rota Histórico-Linguística"[5] e a segunda um atlas de cunho "estadual", voltado à unidade federativa Tocantins (Silva; Romano, no prelo)[6].

Na análise dos trabalhos de Figueiredo (2014), Cuba (2015) e Meurer (2022), destacam-se seguintes observações sobre a pronúncia das vogais médias em contexto pretônico: há uma tendência à manutenção das vogais médias altas [e, o] em informantes mais velhos (GII), característica associada ao perfil +sulista. Em Meurer (2002), por exemplo, essa marca sulista persiste mesmo quando os informantes estão em contato direto com falantes nortistas/nordestinos que realizam o abaixamento para [ɛ, ɔ]. Em Cuba (2015, p. 151-152), nas localidades em que os informantes apresentam vogais abertas nesse contexto fonológico, os fatores extralinguísticos se mostram preponderantes, pois o abaixamento das vogais médias correlaciona-se à presença de falantes de descendência nordestina.

Em Silva (2018), evidenciou-se um processo de covariação entre vogais médias altas (29,81%) e baixas (29,96%), não sendo possível atrelar ambos os usos a nenhum recorte social específico por parte do informante (sexo, faixa etária, migrante/não migrante), podendo indicar que no Tocantins o contexto sócio-histórico é distinto das demais regiões analisadas pelas outras autoras. Ademais, em Figueiredo (2014), Cuba (2015) e Meurer (2022), as migrações são mais recentes, e predominantemente sulistas, enquanto no Tocantins, antes norte goiano, os deslocamentos e migrações vêm ocorrendo de forma constante desde o período colonial e são, sobretudo, nordestinas, sugerindo que a norma linguística tocantinense, quanto a esse fenômeno fonético em pauta, opera por meio de um processo de covariação.

[5] Trata-se de uma nova tipologia de atlas para o contexto brasileiro, a qual será detalhada na seção seguinte.

[6] O *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topostático do Tocantins* (ALiTTETO) (Silva, 2018), empreendido como atlas estadual, realizou o contraste entre dois grupos de informantes principais: os nascidos e estabelecidos nas localidades de pesquisa (topostáticos), com os falantes mais móveis (topodinâmicos), procedentes de migrações e/ou deslocamentos internos; também são estratificados por sexo e idade, somando o número de oito (08) por localidade. A coleta de dados foi realizada em 12 localidades tocantinenses, perfazendo o total de 96 informantes.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

Ainda no contexto contrastivo entre os quatro trabalhos diatópico-cinéticos, sobre os róticos, em Meurer (2022), por exemplo, observa-se um padrão de substituição das formas [+sulistas] pelos mais jovens em relação à pronúncia do rótico em *onset* intervocálico. Os falantes mais velhos preservam a vibrante múltipla e o tepe, variantes compreendidas como [+sulistas], enquanto os mais jovens (GI) já adotam a glotal, padrão compreendido como de tendência [+nortista][7]. Em Cuba (2015), há uma mescla nos dados, com predomínio da variante retroflexa em quase todas as localidades pesquisadas, exceto em Guajará-Mirim (RO), Luciara (MT) e Formoso do Araguaia (TO), cuja glotal revelou-se de modo mais acentuado. Em Silva (2018, p. 81), no conjunto das localidades tocantinenses, a forma predominante é a glotal em mais da 60% dos dados.

Por fim, em relação ao processo de covariação, nos trabalhos das quatro autoras, há propensão no léxico, principalmente nos mais jovens (GI), do uso de formas mais neutras ou circulantes na mídia (ex.: *tangerina*), tendente a uma fala intermediária, evitando marcas regionais muito salientes e se aproximando de um português suprarregional nas novas gerações (Figueiredo, 2014; Cuba, 2015; Silva, 2018; Meurer, 2022). No Tocantins evidenciam-se padrões semelhantes aos observados, sobretudo em Meurer (2022), cujas formas de tendência mais padrão (ex.: *libélula*, *sutiã*, *clavícula*, *amarelinha*) são mais usadas pelos jovens e as regionais (ex.: *cambito*, *corpete*, *cantareira*, *macaco/macacão*) são mantidas pelos mais velhos e por informantes topoestáticos, os nascidos nas localidades de pesquisa.

Ademais, cabe mencionar que em Silva (2018) não foram evidenciadas aparentes disparidades entre as variantes em contraste em ambos os grupos: migrantes e não migrantes, o que pode ser explicado pelo fato de o Tocantins possuir formação histórica e social sempre vinculada a grupos extraterritório. Nesse contexto, as variantes analisadas evidenciam um processo de covariação entre os dois grupos de informantes, sem que se observe rejeição significativa em relação às modalidades utilizadas por ambos.

Em síntese, os dados discutidos mostram que processos de manutenção, substituição e covariação de formas linguísticas refletem o histórico migratório e a composição social e geográfica dos falantes. Considerar a variável diatópico-cinética permite captar como a língua se movimenta nos espaços topodinâmicos, sejam eles absolutos, situados localmente; relativos, como áreas citadinas ou interioranas; ou relacionais, nas diversas relações sociais estabelecidas entre falantes plurivarietais, migrantes ou não migrantes. Consequentemente, a Geolinguística

[7] Meurer (2022, p. 20) compreende o português [+nortista] como um traço do português brasileiro setentrional. Essa nomenclatura também é utilizada por Nascentes (1953) para se referir ao português falado na porção norte do país, em oposição à metade sul.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

brasileira deve incorporar sistematicamente as mobilidades, as interações intervarietais e os contínuos sociais, reconhecendo que cada localidade apresenta sua própria tessitura sócio-histórica e, consequentemente dialetal, tema que será abordado na próxima seção.

3. Abordagem histórico-social

Elaborar atlas linguísticos visando ao mapeamento de diferentes realidades linguísticas é uma tarefa que possui raízes seculares. No Brasil, antes mesmo do pioneiro *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, de 1963, Serafim da Silva Neto (1957) aludia à necessidade da criação de uma mentalidade dialetológica, o que hoje considera-se superado, haja vista a profícua produção científica brasileira na área (Aguilera, 2005; Aguilera; Romano, 2016; Silva; Romano, 2022; Romano; Altino; Aguilera, 2025).

No que diz respeito às metodologias empregadas, observa-se que os atlas desenvolvidos no Brasil acompanharam os aperfeiçoamentos teórico-metodológicos da Dialetologia e da Geolinguística, evidenciados, dentre outros aspectos, pelas dimensões sociais (diassexual, diagenérica, diastrática, diazonal, por exemplo), tema discutido nas seções anteriores. Nesse movimento de ampliação das dimensões de análise, vale mencionar, conforme Sanches (2022), que dentre as ramificações da Dialetologia Geral[8], no Brasil, a que mais se desenvolveu foi a Dialetologia Social, sendo uma resposta às limitações da vertente tradicional. Ao agregar variáveis sociais, tem-se um significativo aumento das possibilidades de análise, o que corrobora para a compreensão de fenômenos linguísticos, cujas explicações não se limitam à distribuição geográfica, mas encontram respaldo também em outros fatores que perpassam a língua.

A partir das modificações metodológicas e das características próprias do contexto linguístico, histórico e social brasileiro, observa-se hoje a possibilidade de avançar em direção a outras perspectivas norteadoras para a elaboração de atlas linguísticos. Assim, nesta seção, busca-se dar luz à abordagem histórico-social, que vai ao encontro da ideia de que a língua não é apenas resultado de variações sociais sincrônicas, é também produto de processos históricos, acrescentando esse olhar ao que já vinha sendo feito pela Dialetologia Social.

Salienta-se que, em 1978, Nilton Vasco da Gama já apontava para a importância do olhar sócio-histórico para delimitação de áreas linguísticas no território baiano, correlacionando-as a expansão da língua portuguesa na Bahia condicionada a duas correntes, a

[8] O autor denomina de Dialetologia Geral a Dialetologia em seus moldes tradicionais, da qual surgiram ramificações provenientes de reconfigurações e avanços teórico-metodológicos.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

da Casa da Torre e a da Casa da Ponte[9], em consequência das incursões dos desbravadores e da colonização. Contudo, por muito tempo os caminhos, as trilhas, as rotas, os núcleos populacionais e econômicos não foram a chave motriz de pesquisas geolinguísticas, embora tenham atuado secundariamente fornecendo subsídios em análises.

Dada essa importância do contexto histórico e social, recentemente, Silva e Romano (no prelo), cientes das particularidades que caracterizam as pesquisas geolinguísticas nacionais, quando comparadas as produções europeias, propuseram uma sistematização teórica em relação à tipologia dos atlas linguísticos brasileiros, ampliando a proposta de Alinei (1994) voltada para os atlas desenvolvidos na Europa. Nesse sentido, defendem que:

> [...] para a realidade dos estudos geolinguísticos brasileiros em pleno desenvolvimento, sobretudo após 1996, com a criação do Projeto ALiB e a concepção de bases teórico-metodológicas sólidas, parece oportuno a formulação de uma (re)classificação dos atlas considerando a divisão administrativa brasileira e as especificidades sociodialetais desse macro espaço. Não obstante, o que se observa na tradição geolinguística mundial é que fica cada vez mais evidente uma cisão da Geolinguística brasileira com os modelos de atlas produzidos na Europa, desagregação resultante das especificidades sócio contextuais brasileiras e das necessidades de os estudos dialetais fornecerem fotografias dessa realidade política, social e linguística muito diversa (Silva; Romano, p. 18, no prelo).

Assim, os autores, dentre oito categorias tipológicas que estipulam, contemplam uma que se volta para a abordagem histórico-social, a dos atlas de rotas histórico-linguísticas, deixando evidente a característica própria dessa categoria de, diferentemente dos outros tipos, não ter, necessariamente, como delimitador o critério territorial (Silva; Romano, no prelo). Definem-na, portanto, da seguinte maneira:

> Os atlas de rotas histórico-linguísticas contemplam antigas trilhas, caminhos ou zonas que atuaram como importantes entremeios comerciais, sociais ou linguísticos em seu tempo; também dizem respeito àquelas concentrações ou agrupamentos de pessoas que se formam em torno de áreas onde ocorre alguma atividade. Esse tipo de atlas busca a diatopia aliada ao aspecto diacrônico da língua, uma vez que oferecem uma visão abrangente das interações entre fatores linguísticos e eventos históricos, contribuindo para a compreensão das rotas pelas quais a língua se desenvolveu, espalhou e se transformou ao longo do tempo (Silva; Romano, p. 24, no prelo).

[9] Configuram-se como duas correntes de povoamento na Bahia. A primeira, a da Casa da Torre, pertencente à família Garcia d'Ávila, "[...] partia do Recôncavo pelo litoral norte, alcançando o norte e o vale do Rio São Francisco pelo Rio Itapicuru, até ao Piauí". A segunda, a da Casa da Ponte, pertencente à família Guedes de Brito, "[...] procedia do Recôncavo, seguia os rios Paraguaçu e Jaguaribe até a região de Lençóis e Utinga, atingia o Rio São Francisco e chegava a Minas Gerais, dirigindo-se, portanto, para o centro e o centro-sul do território" (Vasco da Gama, 1978, p. 90). Ambas as casas são consideradas grandes latifúndios do Brasil Colonial.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

Como já aludido anteriormente, o fator histórico ainda subjaz timidamente a elaboração de atlas no país, porém algumas pesquisas realizadas a nível de teses de doutoramento já contemplam este fator, tais como: o *Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico*, de Cuba (2015); o *Atlas Linguístico Pluridimensional do Português Paulista*, de Figueiredo Junior (2019); e o *Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros (ALRT)*, com banco de dados formado por Chofard (2023)[10]. Esses atlas, por sua vez, ilustram a abordagem histórico-social, evidenciando como caminhos, áreas de fronteira e espaços de concentração populacional devem ser considerados para a compreensão de aspectos linguísticos dos falares brasileiros.

Tendo como motivação o interesse em investigar a realidade linguística no chamado Caminho da Vacaria dos Pinhais, uma das rotas percorridas durante o Tropeirismo[11], o ALRT, até então, pode ser considerado o exemplo mais emblemático da abordagem histórico-social nos parâmetros aqui discutidos. Um de seus diferenciais está relacionado justamente à área linguística investigada e ao ponto de partida para a composição da rede de pontos. A esse respeito, Chofard (2023, p. 72) esclarece que:

> A área investigada nos estudos geolinguísticos diz respeito, tradicionalmente, à área geográfica de abrangência ou a características linguísticas, por exemplo, estudos com foco em bilinguismo ou línguas em contato. Esta pesquisa, por sua vez, estabeleceu sua área linguística a partir de um acontecimento histórico-econômico, o Tropeirismo, e, consequentemente, da área geográfica em que ele se desenvolveu, a qual engloba a Região Sul e parte da Região Sudeste no estado de São Paulo.

Isso posto, evidencia-se que é a partir de um fato histórico de grande relevância para a constituição do Sul do Brasil, que o ALRT resgata o papel do vaivém tropeiro, como vetor de circulação econômica, cultural e linguística, em um percurso que vai de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, passando por Santa Catarina e pelo Paraná, até chegar em Sorocaba, em São Paulo.

Com um perfil de informante pluridimensional[12], somado a uma rede de pontos composta por 12 localidades, os resultados obtidos na pesquisa corroboram a vivacidade de

[10] O atlas encontra-se em fase de desenvolvimento para publicação. Na tese, Chofard (2023) constituiu um banco de dados orais em uma das rotas percorridas pelos tropeiros e apresentou resultados a partir de cartas prévias nos diferentes níveis de análise da língua, tendo como foco o contato intervarietal das variedades paulista e sul-rio-grandense na Região Sul do Brasil.

[11] Resumidamente, "O Tropeirismo foi um acontecimento histórico-econômico que teve início no século XVIII e surgiu da necessidade de solucionar os problemas de transporte da mineração. Assim, no princípio, caracterizava-se como uma atividade itinerante em que homens e tropas de gado muar e vacum partiam do Rio Grande do Sul e iam até Sorocaba, em São Paulo, onde aconteciam feiras em que se comercializavam animais que, em sua maioria, eram destinados ao trabalho nas Minas Gerais." (Chofard, 2023, p. 19).

[12] A estratificação dos informantes se deu a partir das dimensões diassexual, diageracional e diazonal.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

uma das áreas linguísticas existentes na Região Sul postuladas por Koch (2000), a qual se caracteriza pelo contato entre paulistas e gaúchos em razão dos fluxos migratórios ocorridos durante o Tropeirismo. Além disso, por meio de 47 cartas linguísticas elaboradas e dos dados analisados – fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos –, constatou-se a não uniformidade nos falares sulistas, existindo na região "[...] ao menos dois grandes falares, um caracterizado pela variedade sul-rio-grandense [+RS] e um pela variedade paulista [+SP], que se disseminam em sentidos opostos [...]" (Chofard, 2023, p. 201).

A fim de exemplificação, toma-se como base um dos itens lexicais analisados por Chofard (2023): *a profissão daqueles que fazem os utensílios de couro para a lida com a tropa*. Na tese, são apresentadas cartas linguísticas de arealidade gradual[13] que demonstram contato intervarietal no caminho das tropas em relação às variantes empregadas pelos informantes para denominar uma das profissões ligadas à cultura tropeira, destacando, ainda, o caráter etnolinguístico que esses atlas podem ter, como bem pontuam Silva e Romano (no prelo).

Nessas cartas (Chofard, 2023, p. 195-197), é possível observar a intensidade e a forma como duas das variantes registradas – *guasqueiro* e *trançador* – se comportam ao longo da área investigada. No que diz respeito à variante *guasqueiro*, trata-se de "[...] um termo incorporado ao português por meio do intercâmbio cultural entre tropeiros argentinos e brasileiros, no qual se deu o contato linguístico entre o português e o espanhol [...]" (Chofard, 2023, p. 198). Dessa forma, constata-se alta produtividade da designação no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, intensidade essa que vai sendo perdida ao passo que avança em sentido norte. De modo oposto, tem-se *trançador*, mais intensa em localidades de São Paulo e do Paraná e não registrada entre os gaúchos, sendo essa, portanto, uma das variantes [+SP].

Sobre esse item analisado, ressalta-se que Aulete (2022) e Nunes e Nunes (2003) consideram *guasqueiro* como um regionalismo sul-rio-grandense, contribuindo com a "[...] inferência de que se trata de uma variante [+RS] proveniente no Brasil pelo acontecimento histórico-econômico do Tropeirismo e que se mantém viva até os dias de hoje [...]". Isso posto, é coerente defender que diferentes usos linguísticos, assim como o contato intervarietal aqui ilustrado, com base em dados sincrônicos, mostram-se originários "[...] de um contato entre línguas no passado, reforçando a importância da história para a explicação das realidades linguísticas atuais" (Chofard, 2023, p. 198).

Frente às discussões apresentadas, verifica-se que, apesar de o fator histórico já ter sido mobilizado em reflexões e análises longínquas, como no estudo de Vasco da Gama (1978) sobre

[13] As cartas de arealidade gradual mostram a produtividade a partir da intensidade das cores. Assim, quanto mais escuro for o azul mais respostas de determinada variante foram registradas na localidade.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

a difusão do português na Bahia, há pouco tem passado a figurar enquanto protagonista no âmbito de pesquisas geolinguísticas brasileiras. A categorização proposta por Silva e Romano (no prelo) e os resultados alcançados em projetos como o ALRT demonstram que a abordagem histórico-social é uma das tendências que amplia o leque de possibilidades para a elaboração de atlas linguísticos no Brasil, tendo em vista os inúmeros acontecimentos que perpassaram e foram essenciais para a formação do país. Portanto, discutiu-se aqui uma frente metodológica emergente, que se soma às contribuições já consolidadas da Dialetologia Social e às outras abordagens, contatual e migracional, debatidas nas seções anteriores.

Considerações finais

Este artigo mostrou como a Geolinguística brasileira tem incorporado diferentes abordagens para análise da variação linguística, projetando-se para um futuro em que a documentação dialetal ultrapasse a mera descrição da fala em mapas linguísticos e passe a se preocupar com a preservação da memória social e cultural dos falantes, com as relações de poder e desigualdades sociais expressas por meio da língua. Nesse caminho, a Geolinguística tem se apresentado nos últimos anos nas três perspectivas discutidas neste trabalho.

A abordagem contatual mostrou como a Geolinguística ampliou o escopo metodológico da disciplina ao integrar fatores sociais, históricos e culturais ao estudo da variação e mudança linguística. Ao incorporar dimensões como o contato linguístico, essa perspectiva possibilita compreender as dinâmicas do português em contextos multilíngues, mostrando como o contato reflete processos identitários e socioculturais. Assim, insere-se a Geolinguística nos debates sobre diversidade cultural e direitos linguísticos, contribuindo para a valorização de comunidades minoritárias e para a compreensão crítica das desigualdades sociolinguísticas no Brasil.

A abordagem migracional enfatiza como a língua, em contextos de migração, reflete a interação de fatores históricos, sociais e individuais, manifestando-se nos processos de manutenção, substituição e covariação de formas linguísticas, cuja dinâmica dialetal entre grupos mais ou menos locais se distribui ao longo de contínuos sociais e espaciais. De modo geral, esse cruzamento migracional revela que os grupos mais velhos tendem à manutenção de formas de origem, enquanto os falantes mais jovens e/ou locais apresentam propensão à covariação ou à adoção de formas mais neutras, circulantes na mídia.

A abordagem histórico-social, por sua vez, dá luz a uma nova perspectiva metodológica que amplia as possibilidades de delimitação do *locus* investigativo. Além disso, ao reconhecer o papel e a importância das rotas, das trilhas, dos acontecimentos históricos e econômicos na

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

composição dos falares, esses atlas descrevem a diversidade linguística do país, bem como trazem luz às condições históricas que a engendraram, contribuindo, desse modo, com o horizonte interpretativo da Geolinguística no Brasil.

Ressalta-se que, diante de todo o exposto, esses três caminhos metodológicos em desenvolvimento no Brasil não competem entre si, mas se complementam, evidenciando o significativo avanço da Geolinguística no país, ao integrar a análise da sociabilidade e a valorização de comunidades bilíngues e línguas minorizadas. Nesse sentido, a Geolinguística contemporânea brasileira se alinha às discussões globais, reafirmando seu papel na preservação e documentação das línguas, demonstrando mais uma vez as inúmeras potencialidades da área que se, em algum momento, foi proclamada como disciplina "em crise", hoje se apresenta com novas diretrizes e técnicas de pesquisa.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolingüística no Brasil:** trilhas seguidas, caminhos a percorrer. 1. ed. Londrina: EUEL, 2005.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira (orgs.). **A Geolinguística no Brasil:** caminhos percorridos, horizontes alcançados. 1. ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2016.

ALINEI, Mario. L'Atlas Linguarum Europae: resultati, struttura, storia, prospettivi. In: MOUTON, Pilar Garcia (org.). **Geolinguística**. Trabajos Europeos. Madrid: Conjero de Investigaciones Científicas, 1994.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da Geolinguística Pluridimensional e Contatual. **Revista de Letras Norteamentos**. Estudos Linguísticos, Sinop, v. 6, n. 12, p. 31-52, jul./dez. 2013. Disponível em: http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/1216. Acesso em: 10 set. 2025.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana, ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASO, Tommaso (orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 289-315.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; THUN, Harald. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do Sul do Brasil e Bacia do Prata. In: Aguilera, Vanderci de Andrade; Romano, Valter Pereira (orgs.). **A geolinguística no Brasil:** caminhos percorridos, horizontes alcançados. Londrina: Eduel, 2016, p. 371-392.

ALVES, Fábio. **Estudo geossociolinguístico do português em contato com as línguas Asuriní do Xingu e Araweté**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11540. Acesso em: 3 nov. 2025.

AULETE, Caldas. **Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa:** Dicionário Caldas Aulete, vs on-line. Lexicon. 2022. Disponível em: https://aulete.com.br/index.php. Acesso em: 12 set. 2025.

BRASIL, Marília Carvalho. Os fluxos migratórios na região norte nas décadas de 70 e 80: uma análise exploratória. **Caderno de Estudos Sociais**, Recife, v. 13, p. 61-84, jan./jun. 1997.

BRITO, Fausto. Brasil, final do século: a transição para um novo padrão migratório. In: **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 12., 2000, Caxambu, MG. *Anais [...] Caxambu*: ABEP, 2000. v. 1, p. 1-44.

CABRAL, Ana Suely Arruda Camara *et al*. L' Atlas linguistique sonore des langues indigènes du Brésil: um projet em cours. **Géolonguistique**, Grenoble, n. 15, p. 215-227, 2015.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHOFARD, Amanda. **Contatos intervarietais das variedades sul-rio-grandense e paulista nos dados do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros**. 2023. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/252290. Acesso em: 12 set. 2025.

COSTA, Eliane Oilveira da. **Estudo geossociolinguístico do léxico do português falado em áreas indígenas de língua Tupi-Guarani nos estados do Pará e Maranhão**. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras. Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13307. Acesso em: 3 nov. 2025.

CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. Disponível em: https://repositorio.uel.br/items/ea2833ab-019c-485b-8841-8122b7d79a2b/full. Acesso em: 3 nov. 2025.

FÉLIX, Maria Ivanete. **Estudo geossociolinguístico do léxico do Português falado pelos Baré (Nheengatu), Tukano e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira (AM).** 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/13973. Acesso em: 3 nov. 2025.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. **Topodinâmica do português gaúcho em áreas de contato intervarietal do Mato Grosso**. 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/114436. Acesso em: 3 nov. 2025.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

FIGUEIREDO JUNIOR, Selmo Ribeiro. **Atlas linguístico pluridimensional do português paulista:** níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do Médio Tietê. 2019. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-12072019-155328/pt-br.php. Acesso em: 12 set. 2025.

GEWEHR-BORELLA, Sabrina. **Tu dampém fala assim?** Macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues Hunsriqueano-Português. 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/108953. Acesso em: 3 nov. 2025.

GOEBL, H. Eléments d'analyse dialectométrique (avec application à l'AIS). **Revue de Linguistique Romane**, v. 45, p. 349-420, 1983.

GUEDES, Regis. **Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão**. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2017. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/10536. Acesso em: 3 nov. 2025.

HORST, Aline. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/102193. Acesso em: 3 nov. 2025.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GARTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt.: TFM, 2000, p. 55-69.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão Socio-geográfica do Português em contato com o Italiano no Sul do Brasil**. 2004. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3911. Acesso em: 3 nov. 2025.

MEURER, Márcia. **Processos de manutenção, substituição e hibridização linguística:** um estudo variacionista do português falado em comunidades de imigração sulista no norte do Brasil. 2022. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2022. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/249892. Acesso em: 3 nov. 2025.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. 10 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro – Editor, 2003.

PONSO, Letícia. **A variação do português em contato com o Italiano na comunidade bilíngue de São Marcos – RS**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14744. Acesso em: 3 nov. 2025.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminhos de la geolinguística românica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Orgs.). **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik. Akten des Symposiums Empirischen Dialektologie**. Heidelberg/Mainz, 21-24.10.1991 Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p.25-49.

RAZKY, Abdelhak. **Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)**. Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).

REIS, Regiane. **Atlas Linguístico do município de Ponta-Porã-MS**: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai. 2. v. 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/1364. Acesso em: 3 nov. 2025.

REIS, Regiane. **Variação Linguística do Português em Contato com o Espanhol e o Guaraní na Perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre o Brasil e o Paraguai.** 2013. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013. Disponível em: https://repositorio.uel.br/items/6ea47c35-56c0-4221-a8e4-b0ce150a5aab. Acesso em: 3 nov. 2025.

RODRIGUES, Maria Doraci Guedes. **Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá**: uma abordagem geossociolinguística. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10235. Acesso em: 3 nov. 2025.

ROSSI, Nelson. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

SANCHES, Romário Duarte. **Microatlas linguístico (Português-Kheuól) da área indígena dos Karipuna do Amapá**: volume 1. 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/items/2f0cc441-dca8-4e5a-a672-1f40f096b84a. Acesso em: 3 nov. 2025.

SANCHES, Romário Duarte. Da Dialetologia Geral à Dialetologia Contatual. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 23, n. 1, 2022, p. 16-37. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/75436. Acesso em: 11 set. 2025.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialectológicos**. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas; Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA, Greize Alves da. **Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO)**. 2018. 2v. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: https://repositorio.uel.br/items/c9e0a42b-a51a-4806-940f-f36ced31804e. Acesso em: 3 nov. 2025.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

SILVA, Greize Alves da; MARTINS, Luzineth; SANCHES, Romário. Estudos geolinguísticos na Amazônia Legal: desafios e contribuições. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 18, p. e1830, 2024.

SILVA, Greize Alves da; ROMANO, Valter Pereira. Tipologia dos Atlas Linguísticos: proposta de (re)categorização para o contexto brasileiro. **Revista Alfa**, São Paulo, [no prelo].

SILVA, Greize Alves da; SANCHES, Romário Duarte. Notas sobre o contínuo lexical no português amazônico: uma discussão preambular. **Signum:** Estudos da Linguagem, *[S. l.]*, v. 27, n. 3, p. 32–49, 2024. DOI: 10.5433/2237-4876.2024v27n3p32-49. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/50914. Acesso em: 27 ago. 2025.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 63-92.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFINO, Giovanni (Org.). **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland; RABANUS, Stefan. (Eds.). **Language and Space:** An International Handbook Linguistic Variation. Volume 2: Language Mapping. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

VASCO DA GAMA, Nilton. Notas sobre duas possíveis correntes de expansão da língua portuguesa na Bahia. **Universitas**, Salvador, v. 19, 1978, p. 89-109.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

Contribuição de autoria

Os três autores envolvidos contribuíram para a elaboração do manuscrito. Cada um ficou responsável pelo desenvolvimento de uma seção, sendo a introdução e as considerações finais escritas pelos três. Além disso, todo o texto passou por leituras coletivas para validações e ajustes de conteúdo e forma.

Sendo assim, cada um dos autores esteve atrelado as atividades, conforme a taxonomia CRediT:

- Redação – rascunho original
- Escrita – revisão e edição

Conflito de interesses

Os autores declaram que não possuem interesses financeiros ou relações pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

Declaração de disponibilidade dos dados da pesquisa

A pesquisa não utilizou dados para análise, tendo em vista que trata-se de um estudo de cunho mais voltado para o bibliográfico, estando todas as referências utilizadas citadas na listagem apresentada anteriormente.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

Quadro 1. Principais trabalhos geolinguísticos com foco no contato de/entre línguas sob duas perspectivas: +Sul e +Norte[14]

	TÍTULO DA PESQUISA/AUTOR(A)	VARIEDADE ESTUDADA	GÊNERO TEXTUAL	ANO
ABORDAGEM CONTATUAL MAIS AO SUL DO BRASIL (+SUL)	A VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O ITALIANO NA COMUNIDADE BILÍNGUE DE SÃO MARCOS-RS / LETICIA CAO PONSO	PORTUGUÊS E ITALIANO	DISSERTAÇÃO	2003
	DIFUSÃO SOCIO-GEOGRÁFICA DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O ITALIANO NO SUL DO BRASIL / FELÍCIO WESSLING MARGOTTI	PORTUGUÊS E ITALIANO	TESE	2004
	ATLAS LINGUÍSTICO DO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ – MS: UM REGISTRO DAS LÍNGUAS EM CONTATO NA FRONTEIRA DO BRASIL COM O PARAGUAI / REGIANE COELHO PEREIRA REIS	PORTUGUÊS, ESPANHOL E GUARANÍ	DISSERTAÇÃO	2006
	VITALIDADE LINGUÍSTICA DO PLAUTDIETSCH EM CONTATO COM VARIEDADES STANDARD FALADAS EM COMUNIDADES MENONITAS NO BRASIL / ELVINE SIEMENS DÜCK	ALEMÃO, PORTUGUÊS E INGLÊS	TESE	2011
	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O ESPANHOL E O GUARANÍ NA PERSPECTIVA DO ATLAS LINGUÍSTICO-CONTATUAL DA FRONTEIRA ENTRE O BRASIL E O PARAGUAI / REGIANE COELHO PEREIRA REIS	PORTUGUÊS, ESPANHOL E GUARANÍ	TESE	2013
	"TU DAMPÉM FALA ASSIM?": MACROANÁLISES PLURIDIMENSIONAIS DA VARIAÇÃO DE SONORIZAÇÃO E DESSONORIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DO PORTUGUÊS DE FALANTES BILÍNGUES HUNSRIQUEANO-PORTUGUÊS / SABRINA GEWEHR BORELLA	PORTUGUÊS E HUNRSRIQUEANO	TESE	2014
	VARIAÇÃO E CONTATOS LINGUÍSTICOS DO VESTFALIANO RIO-GRANDENSE FALADO NO VALE DO TAQUARI / ALINE HORST	PORTUGUÊS E ALEMÃO	DISSERTAÇÃO	2014
	O PORTUGUÊS DE CÁ E DE LÁ: VARIEDADES EM CONTATO NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI / VALESKA GRACIOSO CARLOS	PORTUGUÊS, ESPANHOL E GUARANÍ	TESE	2015
	STANDARD E SUBSTANDARD DO ALEMÃO EM CONTATO COM O PORTUGUÊS: VARIAÇÃO NA COMPETÊNCIA DE FALA EM HOCHDEUTSCH DE FALANTES DE HUNSRÜCKISCH / LUCAS LÖFF MACHADO	HUNSRIQUEANO, PORTUGUÊS E ESPANHOL	DISSERTAÇÃO	2016
	ESTUDO GEOLINGUÍSTICO EM CONTEXTO PLURILÍNGUE DA TRÍPLICE FRONTEIRA DO BRASIL, COLÔMBIA E PERU: ASPECTOS LEXICAIS / DAYANE LIMA VIANA	PORTUGUÊS E ESPANHOL	TESE	2024
	VITALIDADE E CONTATOS LINGUÍSTICOS DO VESTFALIANO NA TOPODINÂMICA DE OCUPAÇÃO DO VALE DO TAQUARI, BRASIL / FERNANDA VON MÜHLEN	VESTFALIANO, PORTUGUÊS E ALEMÃO	TESE	2025
	ATLAS LINGUÍSTICO-CONTATUAL DAS MINORIAS ALEMÃS NA BACIA DO PRATA (ALMA-H) / COORDENADO POR CLÉO ALTENHOFEN	PORTUGUÊS E ALEMÃO	ATLAS	ANDAMENTO
	ATLAS DAS LÍNGUAS EM CONTATO NA FRONTEIRA (ALCF) / COORDENADOR POR MARCELO JACO KRUG E CRISTIANE HORST	PORTUGUÊS, ESPANHOL, GUARANI, HUNSRIQUEANO E TALIAN	PROJETO	ANDAMENTO
ABORDAGEM CONTATUAL MAIS AO NORTE DO BRASIL (+NORTE)	23. PERFIL GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ EM ÁREAS INDÍGENAS DOS ESTADOS DO PARÁ E MARANHÃO / REGIS JOSÉ DA CUNHA GUEDES	PORTUGUÊS DE CONTATO EM COMUNIDADES BILÍNGUES	TESE	2017
	MAPEAMENTO LEXICAL DO PORTUGUÊS FALADO PELOS WAJÃPI NO ESTADO DO AMAPÁ: UMA ABORDAGEM GEOSSOCIOLINGUÍSTICA / MARIA DORACI GUEDES RODRIGUES	PORTUGUÊS DE CONTATO EM COMUNIDADES BILÍNGUES	DISSERTAÇÃO	2017
	ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO EM ÁREAS INDÍGENAS DE LÍNGUA TUPI-GUARANI NOS ESTADOS DO PARÁ E MARANHÃO / ELIANE OLIVEIRA DA COSTA	PORTUGUÊS DE CONTATO EM COMUNIDADES BILÍNGUES	TESE	2018
	ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM AS LÍNGUAS ASURINÍ DO XINGU E ARAWETÉ / FÁBIO LUDY DE OLIVEIRA ALVES	PORTUGUÊS DE CONTATO EM COMUNIDADES BILÍNGUES	DISSERTAÇÃO	2018
	ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO PELOS BARÉ (NHEENGATU), TUKANO E BANIWA EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (AM) / IVANETE DE SANTANA FELIX	PORTUGUÊS DE CONTATO EM COMUNIDADES BILÍNGUES	TESE	2019
	ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DO PORTUGUÊS FALADO EM ÁREAS INDÍGENAS GALIBI-MARWORNO E KARIPUNA	PORTUGUÊS E KHEUÓL	DISSERTAÇÃO	2019

[14] Ressaltamos que foram evidenciados apenas alguns trabalhos que levam em considerações a dimensão dialingual, é provável que haja outros estudos não elencados no quadro 1, no entanto, nosso objetivo foi apenas ilustrar como a abordagem contatual tem sido evidenciada nas pesquisas geolinguísticas no Brasil.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13973

	MICROATLAS LINGUÍSTICO (PORTUGUÊS-KHEUÓL) DA ÁREA INDÍGENA DOS KARIPUNA DO AMAPÁ / ROMÁRIO DUARTE SANCHES	PORTUGUÊS E KHEUÓL	TESE	2020
	ATLAS LINGUÍSTICO SONORO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS DO BRASIL (ASLIB) / COORDENADOR POR ANA SUELLY ARRUDA CÂMARA CABRAL	LÍNGUAS DA FAMÍLIA TUPI-GUARANÍ BRASILEIRAS	ATLAS	ANDAMENTO
	ATLAS LINGUÍSTICO DO PORTUGUÊS FALADO EM ÁREA INDÍGENA / COORDENADO POR ABDELHAK RAZKY	PORTUGUÊS DE CONTATO COM LÍNGUAS DA FAMÍLIA TUPI-GUARANÍ BRASILEIRAS	ATLAS	ANDAMENTO

Fonte: Elaborado e complementado pelos autores a partir de Sanches (2020).

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.